

Albert Schweitzer nasceu a 14 de janeiro de 1875, em Kayzersberg, na Alsácia, que então fazia parte da Alemanha, e morreu a 4 de setembro de 1965, perto de Lambaréné, no Gabão, África, onde em 1913 havia instalado um hospital na selva. Lá, entre os nativos, tratou de doentes durante meio século e professou a filosofia expressa em sua frase *Ehrfurcht vor dem Leben* (reverência pela vida).

O Dr. Schweitzer era mundialmente conhecido como um dos homens mais notáveis de nosso século e em 1954, aos 78 anos, foi-lhe outorgado o Prêmio Nobel da Paz. Era um desses raros filósofos cujas crenças estavam em consonância com seu dia-a-dia, um homem em quem a bondade e um anseio de beleza estavam estreitamente fundidos. Os rápidos relatos que se seguem, extraídos de escritos e palavras das pessoas que melhor o conheceram, foram coligidos por Don Wharton do *Reader's Digest* e mostram aspectos curiosos da personalidade de Schweitzer.

ASSIM que completei três anos, passaram a levar-me à igreja. Ainda posso sentir até hoje a pressão da luva de nossa empregada sobre a minha boca quando eu bocejava ou me punha a cantar muito alto. — Albert Schweitzer

como em outros, era um autêntico prodígio. Aos sete anos compôs um hino, aos oito começou a tocar órgão e aos nove substituiu o organista regular nos cultos de uma igreja (em Günsbach).

— John Gunther

A PAIXÃO de Schweitzer pela música começou cedo, e nesse campo,

Schweitzer freqüentou a Universidade de Estrasburgo e, mais tarde, estudou



Albert
Schweitzer:
o homem
por trás
do gênio

em Paris e Berlim. Aos 21 anos, decidiu que viveria até os 30 «pela ciência e a arte», e então devotaria o resto de sua vida «ao serviço da humanidade».

NA AJUDA ao próximo, o homem pode penetrar no limiar das aventuras da alma – a mais segura fonte de paz e satisfação de nossa vida. Essa carreira do espírito eu chamo de «segunda profissão». Não há melhor remuneração do que o privilégio de exercê-la. Nella, todas as nossas reservas de forças podem ser postas em ação, pois aquilo de que o mundo mais precisa é de homens que se preocupem com as necessidades de outros.

– Albert Schweitzer

Schweitzer havia publicado dois livros escolares e fora nomeado deão da escola teológica de Estrasburgo. Então, começou sua vocação pelo trabalho missionário.

UMA NOITE, em 1904, dei com um relatório da Sociedade Missionária de Paris («Les Besoins de la Mission du Congo»), em que se lamentava a inexistência de voluntários em número suficiente para permitir à missão atuar no Gabão (àquela época, colônia francesa). O texto terminava: «Os homens e as mulheres que podem responder simplesmente ao apelo do Criador é dizer 'Senhor, estou indo', são as pessoas de que a Igreja precisa.» Minha procura havia terminado.

– Albert Schweitzer

Schweitzer resolveu tornar-se médico e ir para a África Equatorial France-

sa. Aos 31 anos, ingressou na faculdade de medicina. Ganhava a vida lecionando teologia e dando concertos de órgão.

As longas horas de estudo de medicina eram terrivelmente extenuantes, e ele pediu à empregada para deixar uma bacia de água fria no quarto. A mulher pensou que ele quisesse a água para molhar as têmporas, mas não – ele mergulhava os pés na bacia e os deixava de molho quando sentia sono.

– George Marshall, biógrafo

Casou-se com Hélène Bresslau, que estudava enfermagem enquanto ele cursava medicina tropical. Em 1913, embarcaram com 476 dólares em ouro para Lambaréné, que fica 90km ao sul do equador.

Nos primeiros nove meses, ele tratou de cerca de dois mil enfermos. A malária, a lepra, a doença do sono, a disenteria, as úlceras tropicais, a elefantíase, eram as enfermidades mais comuns. Joseph, um de seus primeiros pacientes, foi promovido aos postos de intérprete, cozinheiro e assistente cirúrgico.

– George Seaver, biógrafo

«MUITAS mulheres morriam de parto», disse-me o Dr. Schweitzer. «As mais velhas aconselhavam-nas a não procurarem o médico, pois isso lhes traria azar. Como posso adquirir a confiança dessas velhas feiticeiras? pensei. Tive a idéia de presentear cada bebê nascido no meu hospital com uma touquinha e uma roupa. Com esse 'suborno',

meu poder estava firmado, e as mulheres grávidas, desde então, passaram a afluir ao hospital.»

— Erica Anderson, diretora da Albert Schweitzer Friendship House, de Great Barrington, Massachusetts

Quando da Primeira Guerra Mundial, em 1914, os franceses prenderam os Schweitzers (cidadãos alemães), e embarcaram-nos para um campo de concentração na França. Depois da guerra, Albert Schweitzer deu conferências e concertos de órgão em diversos países.

O Dr. Schweitzer veio a Zutphen, na Holanda, para pregar o sermão de Natal. Chegou numa segunda-feira e o Natal caía num sábado. Durante toda a semana não o vimos, até que, finalmente, quando íamos passando pela catedral, ouvimos o órgão. Encontramos o Dr. Schweitzer, coberto de suor e poeira, no coro, muito ocupado na limpeza dos registros.

— Pierre van Paassen, escritor holandês

Em 1924, Schweitzer voltou à África. A mulher, que estava doente, permaneceu na Europa com sua única filha, Rhena.

Os doentes continuam a afluir (uma média de 20 casos por dia), e por esse motivo não temos tempo de procurar as soluções adequadas para cada um. Ele anda tão nervoso que seus tremores o fizeram derrubar a seringa. Quando a crise piora, ele se encoleriza, batendo os pés no chão e gritando «*Nom de dieu!*» em altas vozes.

— Noel Gillespie, assistente de Schweitzer

A fim de conseguir fundos para seu hospital, Schweitzer retornou à Europa em 1934, dando conferências em Oxford e Edimburgo. Quando lhe perguntaram por que viajava em terceira classe nos trens europeus, ele respondeu: «Porque não há quarta.»

Os pacientes africanos costumavam roubar urinóis da casa do médico, os quais ele acabava por descobrir, mais tarde, nas aldeias, sendo usados como panelas. «Qual é sua atividade na África?» perguntaram a Schweitzer quando ele viajava pela Europa. «Sou distribuidor de urinóis no Gabão», respondeu.

— Gerald McKnight, biógrafo

Hélène foi reunir-se ao marido em Lambaréné em 1941, após uma arriscada viagem por território inimigo. Lá passou o resto da guerra como enfermeira, vindo posteriormente, em consequência de sua precária saúde, só por breves períodos.

O Dr. Schweitzer olha com visível prazer para a fatia extra de abacaxi natural. Antes de começar a comer, entretanto, corre os olhos em redor. Alguém que tenha algo de especial ou que esteja faminto vai ser recompensado. O Dr. Schweitzer parte metade do abacaxi ou do peixe e a entrega ao felizardo, dizendo: «Tome lá, para você.» É uma ordem a que não se deve desobedecer.

— Dr. Frederick Franck, dentista da equipe de Schweitzer

VIAJANDO de trem pelas planícies dos Estados Unidos, viu

quando duas senhoras, muito acanhadas, chegaram junto ao seu compartimento e perguntaram: «Temos a honra de falar com o professor Einstein?»

«Não, infelizmente não», respondeu Schweitzer, «mas não se preocupem com o engano, pois temos o mesmo tipo de cabelos (completamente desgrenhados). Só dentro da cabeça é que diferimos. Apesar de tudo, somos grandes amigos e, se não se importam, posso lhes dar um autógrafo por ele» — e escreveu: «Albert Einstein, por intermédio de seu amigo Albert Schweitzer.»

— Sra. T. D. Williams, membro da comitiva de Schweitzer em sua visita a Aspen, Colorado, em 1949

NUM ALMOÇO com uma comitiva de oficiais franceses que o visitavam, um dos participantes levantou-se e fez um solene discurso no qual pedia ao Senhor muitos anos de saúde e de força para o Dr. Schweitzer. Este ouviu polidamente e fez apenas um pequeno comentário: «Esperemos que o Senhor nos esteja ouvindo.»

— Dr. Frederick Franck

QUANDO uma mulher do Gabão morria, deixando um filho pequeno, costumava-se enterrar a criança viva com a mãe, ou deixá-la morrer de inanição, porque nenhuma mulher se incumbiria de criar o bebê de outra, com receio de que isso acarretasse desgraça para ela, como profetizavam os curandeiros. A vida dessas crianças só pôde

ser salva quando o Dr. Schweitzer tornou público que tomaria a seu cargo esses órfãos e os criaria com leite de cabra.

— Lillian M. Russell, visitante de Lambaréné

COLOCARÁ uma lagarta cuidadosamente sobre uma folha, em vez de esmagá-la com o pé. Porém, se encontrar uma ninhada de ratos numa caixa de embalagens de aspirina, ele mandará matá-los. Se uma serpente perigosa for vista numa árvore nas imediações do hospital, ele será o primeiro a querer que a matem; não é tolo nenhum. Mosquitos e moscas tsé-tsé são eliminados porque ele sabe que, no combate às doenças, trilhões de micróbios devem ser sacrificados em prol da defesa da vida humana.

— Dr. Frederick Franck

É COSTUME de Schweitzer fazer o hóspede recém-chegado sentar-se a certa distância. À medida que as refeições se sucedem, o visitante notará que vai sendo colocado cada vez mais perto do famoso homem, até que finalmente estará no lado oposto da mesa, no lugar de honra. Esse sinal de respeito pode ser conferido apenas no último dia, quando um pacote com sanduíches e bananas for também colocado ao lado de seu prato — uma lembrança gentil para a jornada. Nesse ponto, Schweitzer se mostrará mais simpático e cordial, falando alegremente ao visitante que praticamente ignorou até então.

— Gerald McKnight, biógrafo

Hélène Schweitzer morreu na Suíça em 1957. O marido chegou lá algumas semanas depois e trouxe suas cinzas para Lambaréné. Enterrou-as nas proximidades do hospital das selvas, pelo qual ela tanto se sacrificara. O Dr. Schweitzer continuou a trabalhar em Lambaréné até agosto de 1965, quando, com 90 anos, fez sua última inspeção dos terrenos e construções.

Morreu às 23:30 do dia 4 de setembro, em sua velha cama de fer-

ro, no pequeno quarto que servia de escritório, sala e dormitório. Quase ao raiar do dia, o grande sino do hospital começou a badalar. Foi secundado pelo sino na aldeia dos leprosos. Contaram-me que, em 1913, os tantãs haviam espalhado a mensagem: *Oganga* (o curandeiro branco) *está entre nós*. Agora diziam: *Papa pour nous* (pai para todos nós) *morreu*.

— Rhena Schweitzer Miller, filha do Dr. Schweitzer

AGRADECIMENTOS: Erica Anderson, *Albert Schweitzer's Gift of Friendship*, copyright © 1964 de Erica Anderson; Dr. Frederick Franck, *Days With Albert Schweitzer*, copyright © 1959 de Frederick Franck; John Gunther, *Inside Africa*, copyright © 1955 de John Gunther; George Marshall e David Poling, *Schweitzer: A Biography*, copyright © 1971 de George Marshall e David Poling; Gerald McKnight, *Verdict on Schweitzer*, copyright © 1964 de Gerald McKnight; Lillian M. Russell, *My Monkey Friends*, A. & C. Black, London; Albert Schweitzer, *Out of My Life and Thought*, copyright © 1961 de Holt, Rinehart & Winston, Inc.; Dr. Albert Schweitzer, narrado a Fulton Oursler, *Your Second Job — Do Unto Others*, copyright © 1949 de The Reader's Digest Association, Inc.; George Seaver, *Albert Schweitzer: The Man and His Mind*, copyright © 1947, 1955 de Harper & Brothers; Wisconsin Magazine of History, Madison, Wisconsin.



NA HORA do nosso almoço, um carro cheio de amigos bateu lá em casa. Mamãe convidou-os todos a compartilharem da nossa refeição, e teve de se virar para servir a cada um uma porção razoável. Quando eles foram embora, papai, que ainda estava com fome, sugeriu irmos ao bar da estrada tomar um lanche. Fomos. Mal o bando entrou pelo restaurante, quedamos paralisados. Rindo amarelo para nós, lá estavam, bem sentadinhos, os nossos hóspedes.

— Izabel Tengrove, Pretória, África do Sul

NÃO faz muito tempo, um amigo, encarregado de uma sapataria, ficou surpreso quando uma senhora de idade, baixinha, entrou na loja e pediu para ver uns sapatos tipo anabela. Experimentou diversos e acabou por decidir-se pelos mais sofisticados da loja, com uma plataforma de mais de 12cm. Curioso, meu amigo perguntou-lhe se eram para alguma ocasião especial.

«Por Deus, não!» exclamou ela. «Vou usá-los para lavar a roupa. Agora, ficarei alta o bastante para poder pendurar meus lençóis no varal, sem arrastar a barra pelo chão.»

— S. R. S., Looe, Inglaterra